

Uso de anti-inflamatórios não esteroidais sendo usado indiscriminadamente pelos moradores de um município do interior da Bahia - Brasil

Use of non-steroidal anti-inflammatory drugs being used indiscriminately by residents of a municipality in the interior of Bahia – Brazil

Uso de medicamentos antiinflamatorios no esteroideos utilizados indiscriminadamente por residentes de un municipio del interior de Bahía - Brasil

Recebido: 23/11/2021 | Revisado: 05/12/2021 | Aceito: 06/12/2021 | Publicado: 15/12/2021

Anderson de Jesus Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9976-8973>
Centro Universitário Maurício de Nassau, Brasil
E-mail: tietebbba@gmail.com

Maiara Lima Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0085-5995>
Centro Universitário Maurício de Nassau, Brasil
E-mail: maiaranovaeslima@gmail.com

Heurisongly Sousa Teixeira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2579-767X>
Centro Universitário Maurício de Nassau, Brasil
E-mail: gleyconquista@hotmail.com

Resumo

Em conformidade com os dados atuais publicados pelo Sistema Nacional de Informações Tóxico-farmacológicas (SINITOX), em 2012 os medicamentos foram responsáveis por 27,26% dos casos de intoxicação em humanos no Brasil, totalizando 26.987 ocorrências. Um dos principais fatores relatados na literatura que está diretamente associado ao aumento da incidência destes casos é a automedicação. No Brasil, os anti-inflamatórios constituem uma classe de medicamentos com maior consumo entre os indivíduos, principalmente de maneira indiscriminada. Diante do exposto, este trabalho tem como objetivo avaliar a automedicação envolvendo os anti-inflamatórios não-esteroides em um município do interior da Bahia - Brasil. Trata-se de um estudo transversal descritivo sobre a utilização ambívia de anti-inflamatórios no município de Poções - BA entre Agosto de 2021 a Outubro de 2022. Entre os AINEs mais vendidos na farmácia abordada, estão o Diclofenaco, Ibuprofeno, Naproxeno, Nimesulida, Cetoprofeno, Tenoxicam, Meloxicame Ácido acetilsalicílico (AAS). Os resultados também demonstraram que o AAS foi o fármaco mais vendido neste período, tanto com e quanto sem prescrição. Vê-se que os AINEs apresentam diversos efeitos colaterais que podem levar a casos graves de intoxicação e que a maioria da população os desconhece, ou mesmo as interações medicamentosas com cada um dos medicamentos comumente usados, como anti-hipertensivos e antiácidos. Com os dados obtidos na farmácia do município em questão, foi possível verificar uma predileção por AINEs de menor custo, visto que também está relacionado com os diversos fatores que inviabilizam o atendimento com o médico prescritor.

Palavras-chave: Anti-inflamatórios; Automedicação; Fármaco.

Abstract

According to current data published by the National System of Toxic-Pharmacological Information (SINITOX), in 2012 drugs were responsible for 27.26% of cases of intoxication in humans in Brazil, totaling 26,987 occurrences. One of the main factors reported in the literature that is directly associated with the increased incidence of these cases is self-medication. In Brazil, anti-inflammatories constitute the class of drugs with the highest consumption among individuals, mainly indiscriminately. Given the above, this study aims to evaluate self-medication involving non-steroidal anti-inflammatory drugs in a city in the interior of Bahia - Brazil. This is a descriptive cross-sectional study on the ambiguous use of anti-inflammatory drugs in the municipality of Poções - BA between August 2021 and October 2022. Tenoxicam, Meloxicam Acetylsalicylic acid (AAS). The results also showed that AAS was the most sold drug in this period, both with and without prescription. It is seen that NSAIDs have several side effects that can lead to serious cases of intoxication and that the majority of the population is unaware of them, or even the drug interactions with each of the commonly used drugs, such as antihypertensives and antacids. With the data obtained from the pharmacy in the municipality in question, it was possible to verify a predilection for lower-cost NSAIDs, since it is also related to the various factors that make it unfeasible to attend the prescriber.

Keywords: Anti-inflammatories; Self-medication; Drug.

Resumen

Según datos actuales publicados por el Sistema Nacional de Información Tóxico-Farmacológica (SINITOX), en 2012 las drogas fueron responsables por el 27,26% de los casos de intoxicación en humanos en Brasil, totalizando 26.987 ocurrencias. Uno de los principales factores reportados en la literatura que está directamente asociado con el aumento de la incidencia de estos casos es la automedicación. En Brasil, los antiinflamatorios constituyen la clase de drogas de mayor consumo entre los individuos, principalmente de forma indiscriminada. Teniendo en cuenta lo anterior, este estudio tiene como objetivo evaluar la automedicación con antiinflamatorios no esteroideos en una ciudad del interior de Bahía - Brasil. Se trata de un estudio transversal descriptivo sobre el uso ambiguo de antiinflamatorios en el municipio de Poções - BA entre agosto de 2021 y octubre de 2022. Tenoxicam, Meloxicam Ácido acetilsalicílico (AAS). Los resultados también mostraron que AAS fue el medicamento más vendido en este período, tanto con receta como sin ella. Se ve que los AINE tienen varios efectos secundarios que pueden conducir a casos graves de intoxicación y que la mayoría de la población desconoce, o incluso las interacciones farmacológicas con cada uno de los fármacos de uso común, como los antihipertensivos y los antiácidos. Con los datos obtenidos de la farmacia del municipio en cuestión, se pudo verificar una predilección por los AINE de menor costo, ya que también se relaciona con los diversos factores que hacen inviable la asistencia al prescriptor.

Palabras clave: Antiinflamatorios; Automedicación; Droga.

1. Introdução

Conforme dados atuais publicados pelo Sistema Nacional de Informações Tóxico-farmacológicas (SINITOX), em 2012 os medicamentos foram responsáveis por 27,26% dos casos de intoxicação em humanos no Brasil, totalizando 26.987 ocorrências. Um dos principais fatores relatados na literatura que está diretamente associado ao aumento da incidência destes casos é a automedicação (Fiocruz, 2012). Vilarino et al (1998) entende automedicação como o uso de um medicamento sem prescrição médica, na qual o próprio paciente decide qual medicamento usar. Apesar do conceito, a automedicação retrata o princípio em que o próprio indivíduo buscar espontaneamente por algum medicamento, que considere adequado para resolver um problema de saúde. Tal realização muitas das vezes vem decorrente do compartilhamento dos medicamentos com familiares, vizinhos ou amigos; utilização das sobras de medicamentos provenientes de outras prescrições, reutilização de antigas receitas, prolongamento do tratamento medicamentoso indicado na receita, além de sua aquisição seguindo as prescrições do médico.

Os fármacos ocupam um papel de suma importância na recuperação e promoção da saúde, porém, o consumo de medicamentos está ultrapassando as fronteiras da saúde e estão sendo espalhados como a solução de todos, como se fossem uma saída para se viver bem, em vários aspectos, indo desde a estética a qualidade de vida ANVISA. (2000).

Com o livre acesso da população aos medicamentos isentos de receita médica (MIPs), delibera ao paciente a livre escolha do medicamento e a quantidade a ser utilizada sem uma prévia avaliação dos farmacêuticos e profissionais prescritos. Isso se torna um grande problema para o usuário que, por sua vez, torna-se sujeito aos riscos de progressão do problema de saúde, reações adversas, interação com outros medicamentos, utilização de doses erradas e consumo por tempo inapropriado Rapkiewicz, (2012).

É sabido que usar medicamentos sem a orientação pode promover danos graves ao usuário, além de despesas desnecessárias, atrasos no diagnóstico e tratamento adequado, reações adversas e até similares casos de intoxicação. Os sinais e sintomas da doença podem ser mascarados pelo uso inadequado de determinados medicamentos, podendo ocorrer problemas mais graves, levando à hospitalização ou mesmo à morte Batlouni. (2010).

Além disso, a literatura aponta que a grande publicidade de medicamentos vem obscurecendo as campanhas que alertam sobre os perigos da automedicação, dificuldade ao acesso médico, a restrição da prescrição, que é limitado a poucos profissionais da saúde, e a ausência de atividades educativas que visam esclarecer os efeitos do fármaco que muitas vezes são irreparáveis são outros pontos que influenciam o uso indiscriminado dos medicamentos e o surgimento de intoxicação medicamentosa. AMB. (2001)

Devido a falhas estruturais do Sistema Único de Saúde (SUS), a primeira opção para resolver um problema de saúde acaba tornando-se a ida à farmácia, devido a rapidez para se obter um medicamento ou uma provável cura para as

principais patologias não diagnosticadas. O mal estar e o sofrimento em meio à dor são uma das principais causas que levam a procura dos indivíduos pela farmácia. Neste sentido, os AINEs são os medicamentos de primeira escolha devido ao seu poder analgésico, antitérmico, anti-inflamatório e antitrombótico. (Marin et al., 2005); Oliveira & Pelógia. (2011).

Através do estudo de caso, percebe-se que os anti-inflamatórios não esteroidais são bons medicamentos para tratar as ocorrências indesejáveis da inflamação, são responsáveis por aliviar os efeitos de dor, edema e febre. Denotam segurança significativa, contudo podem mostrar diversos efeitos adversos, que são capazes de ir desde uma dispepsia até a um óbito decorrente de úlcera perfurada ou hemorragias. Isso pode ser justificado pelo seu baixo valor de venda e grande número de indicações terapêuticas. Silva et al (2020) citaram em seu estudo diversos fatores que influenciam o uso desordenado de medicamentos, entre eles estão o aumento da expectativa de vida e número de indivíduos com doenças crônicas.

No Brasil, os anti-inflamatórios constituem a classe de medicamentos mais consumida entre os indivíduos, principalmente de maneira indiscriminada Fiocruz. (2012).

Os principais efeitos adversos causados pelo bloqueio seletivo da COX-2 são eventos cardiovasculares e trombolíticos, enquanto que com a inibição das duas enzimas, podem surgir alterações renais, hepáticas, cardiovasculares, gestacionais e fetais, podendo em ambos os casos evoluir para o óbito especialmente em quadros de intensa utilização desses fármacos ou na existência de fatores de risco para o surgimento de reações adversas. (Silva, 2020). Mendonça & Partata (2014).

Pacientes em uso de altas doses de AINEs, corticosteroides, anticoagulantes, bebidas alcoólicas e tabagismo apresentam maior incidência de úlceras e sangramentos. Silva et al (2016) ainda em seu estudo citou que o risco anual de surgimento destas complicações importantes com a utilização de AINEs de forma crônica está entre 1% a 4%.

As principais indicações terapêuticas dos AINEs incluem o tratamento de dores brandas, como por exemplo, cólicas menstruais, artrites e nos casos de inflamação e dor associada. Também são subclassificações conforme o mecanismo de ação em inibidores da COX-1 ou COX-2. Os representantes dos AINEs incluem o Paracetamol, Ibuprofeno, Naproxeno, Diclofenaco e Aspirina. Dentre os principais efeitos adversos, encontra-se a insuficiência renal, diarreia e hemorragia gastrointestinal. Oliveira e Pelógia (2011).

Embora apresente vários riscos, não pode ser considerada uma prática de tudo reprovável, uma vez que também demonstra benefícios e vantagens para o doente. Tudo depende de como a prática será conduzida, e cabe ao profissional de saúde orientar, informar, promover uma educação continuada e realizar controle da comercialização Peixoto (2008).

Menezes et al. 2004, reforça que: é de responsabilidade do farmacêutico orientar e educar o paciente e alertá-lo que, mesmo nos casos em que se trata de um medicamento de venda livre, os efeitos colaterais destes medicamentos podem ser semelhantes aos que requerem prescrição médica, diante disso é importante que o profissional tenha conhecimento científico necessário para transmitir as informações e garantir o uso correto dos medicamentos.

Mesmo diante de inúmeras reações adversas e resultados indesejáveis atribuídos aos fármacos, é evidenciado a constante automedicação e o uso aleatório de medicamentos pela população. Este trabalho tem como principal objetivo avaliar a automedicação envolvendo os anti-inflamatórios não-esteroides (AINEs) em um município do interior da Bahia - Brasil.

2. Metodologia

A pesquisa de dados foi realizada na cidade de Poções, que se localiza ao sudoeste do estado da Bahia. Com uma população de 48.861 habitantes, conforme IBGE (2017), a coleta de dados para a realização deste trabalho foi feita durante a pesquisa de campo, onde se observou os dados já obtidos pela drogaria da cidade.

Tratando-se de um estudo transversal descritivo, ao uso desordenado de anti-inflamatórios no município, entre Agosto de 2021 a Outubro de 2022. A reunião de informações foi realizada em uma drogaria da cidade, por meio da inclusão dos dados oriundos do próprio sistema de vendas da farmácia, utilizando como base os Indicadores de Prescrição de Medicamentos propostos pela Organização Mundial de Saúde (OMS) que recomenda para a amostragem em serviços de saúde no mínimo 600 observações Who (1993).

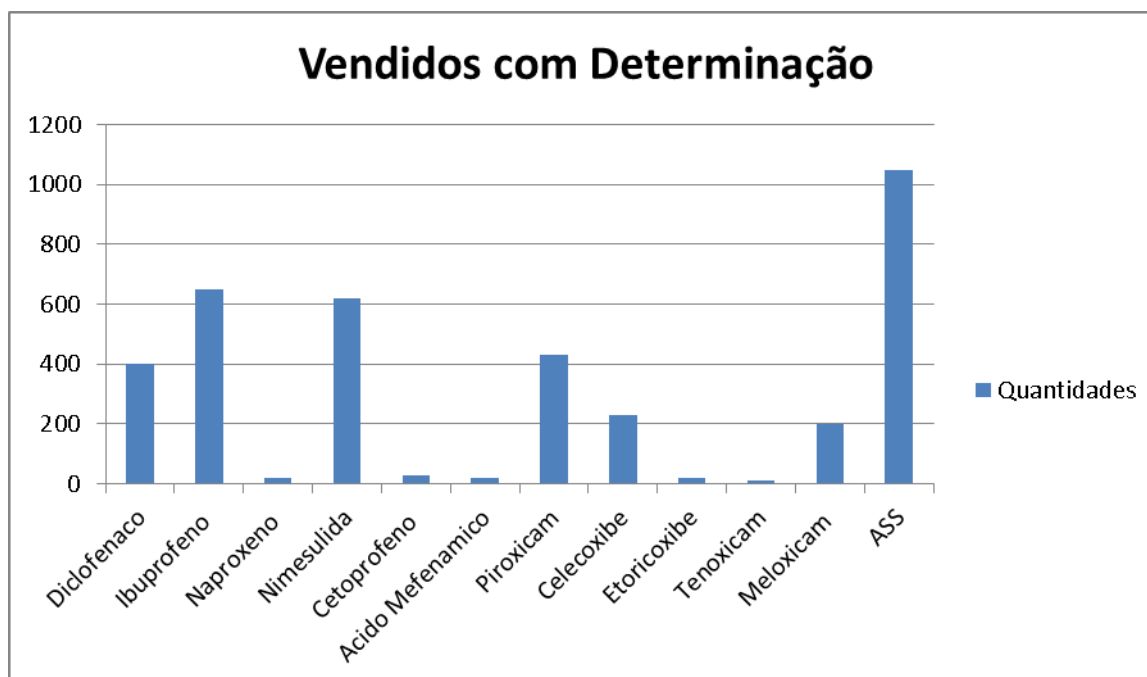
Foram analisadas 1004 prescrições médicas de pacientes atendidos na referida drogaria, que buscaram os fármacos na drogaria do município, no ano de 2022. Com coletas sendo realizada de segunda à sexta-feira, pela manhã, durante o período de Agosto de 2021 a Outubro de 2022.

As informações coletadas foram número de fármacos prescritos, com ou sem determinação médica e presença de medicamentos prescritos conforme a REMUME, das pessoas que foram atendidas. Os resultados encontrados foram analisados estaticamente e digitados no Excel® e Word Office versão 2010, que posteriormente serviu de base para as demais tabelas apresentadas neste mesmo trabalho, levando em consideração o número de comprimidos dos medicamentos mais comercializados pertencentes à classe dos anti-inflamatórios não esteroidais. Para melhor embasamento da discussão dos resultados, foi feita uma busca bibliográfica nas bases de dados LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) e SCIELO (Scientific Electronic Library Online). Os descritores utilizados para tal foram: AINES, toxicologia, interações e eventos adversos.

3. Resultados e Discussão

Entre os AINES mais vendidos na farmácia abordada, estão o Diclofenaco, Ibuprofeno, Naproxeno, Nimesulida, Cetoprofeno, Ácido mefenâmico, Piroxicam, Celecoxibe, Etoricoxibe, Tenoxicam, Meloxicam e Ácido acetilsalicílico (AAS). Os resultados também demonstraram que o AAS foi o fármaco mais vendido, com e sem determinação.

Gráfico 1 - Distribuição das AINES vendidos com determinação.

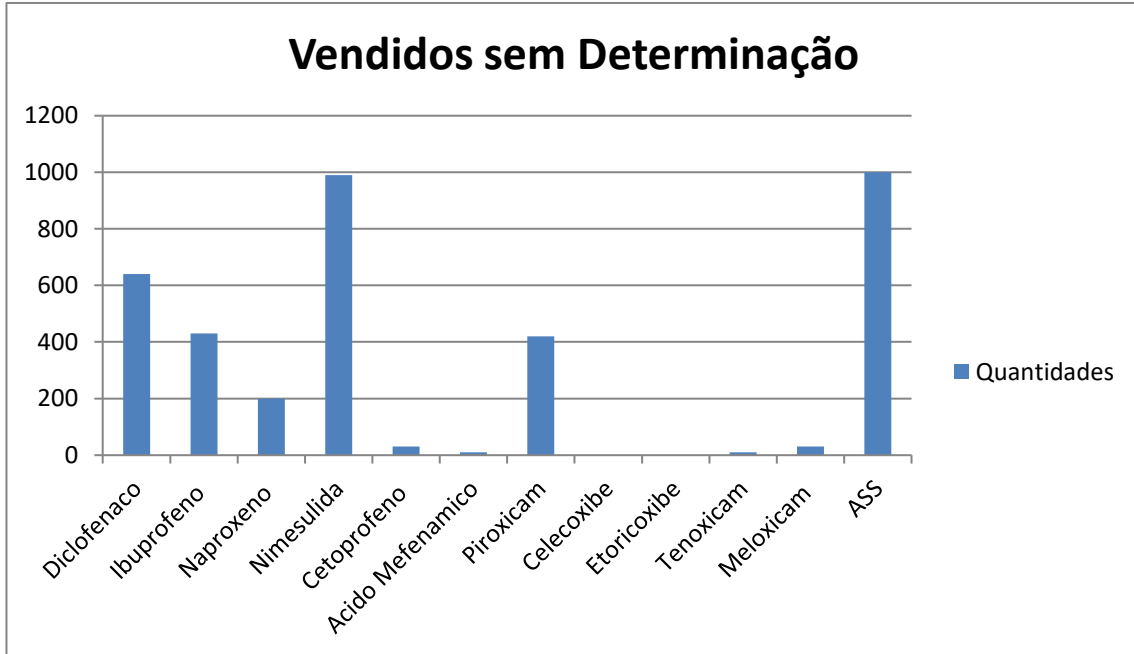


Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

No Gráfico 1, descrevem os AINES mais vendidos com determinação, onde verificou-se que, houve nítida quantidade

de prescrições de ASS, que atingiu o maior índice entre os AINE's descritos no gráfico abaixo, tendo o marco total de 1050 comprimidos.

Gráfico 2 - Distribuição das AINEs vendidos sem determinação.

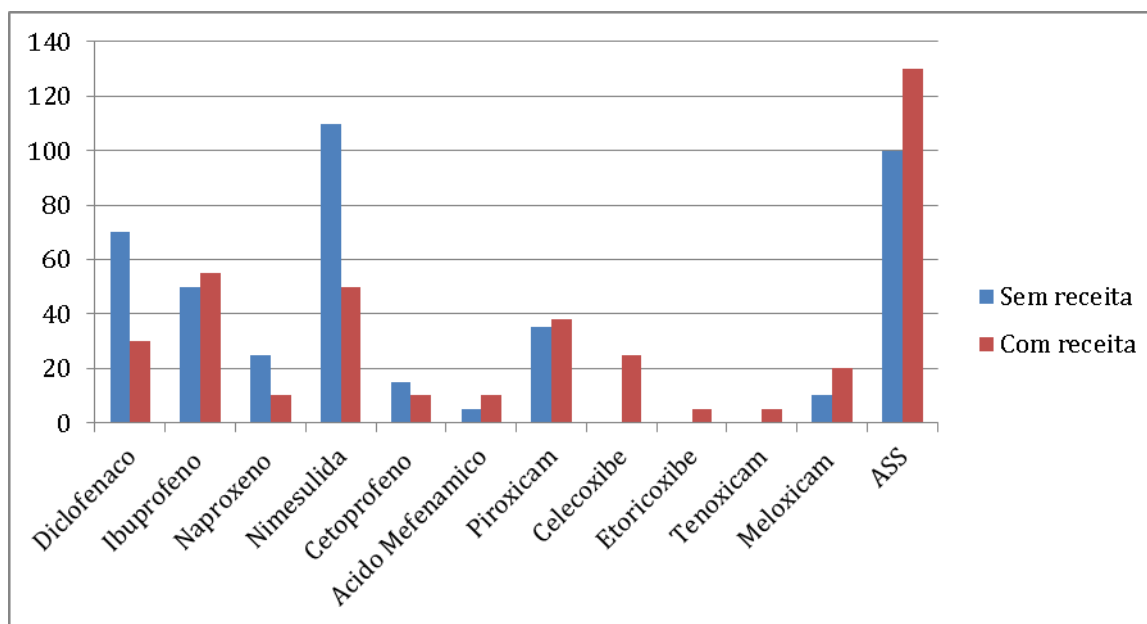


Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

No Gráfico 2, descrevem os AINEs mais vendidos sem determinação, onde verificou-se que, houve nítida quantidade de vendas de ASS que atingiu 1000 vendas, assim como a nimesulida com 990 unidades.

Os resultados obtidos são de suma importância para demonstrar o perfil de prescrição médica do município e podem ser utilizados para orientar e propor estratégias para o uso irracional desses fármacos, servindo como um alerta aos profissionais de saúde sobre a incoerência de algumas prescrições como o proposto pela OMS, sendo que tal fato pode influenciar diretamente no tratamento correto do paciente.

Gráfico 3 - Descreve e comparação das vendas dos AINEs com e sem receita anualmente (em quantidade de caixa).

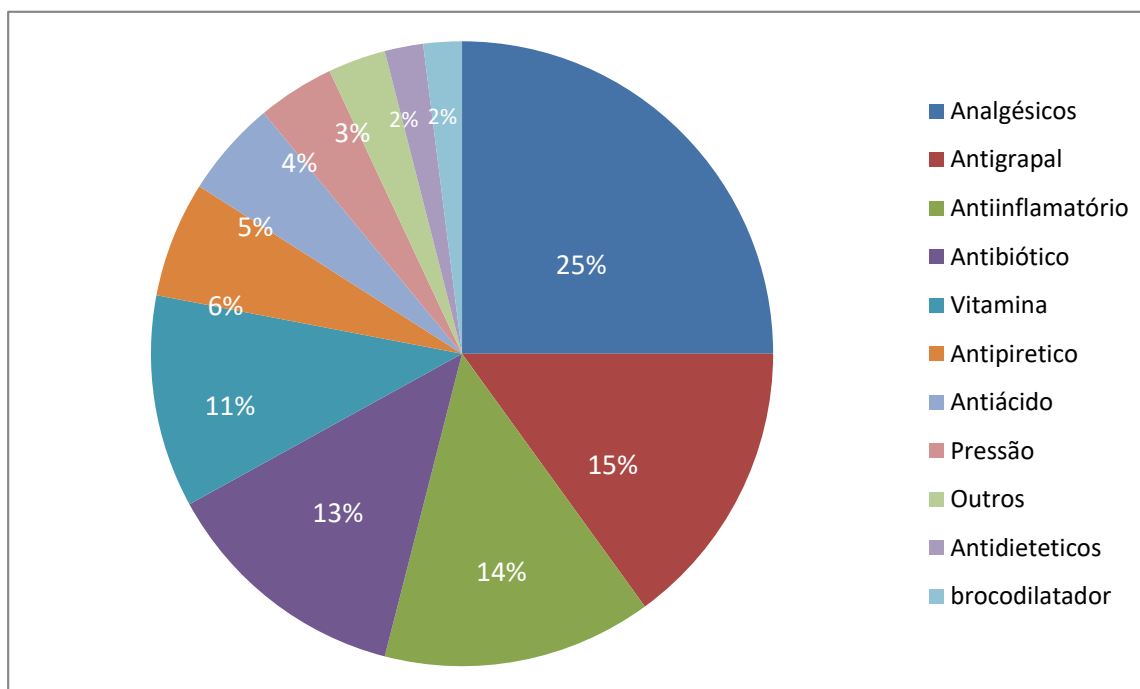


Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

O Gráfico 3 mostra os AINEs mais utilizados na prática da automedicação, analisando a diferença entre os vendidos sem determinação e os com determinação médica, onde verificou-se que, houve nítida quantidade de determinação pela ASS que atingiu 100/130 nas suas vendas com e sem determinação levando em consideração ao ciclo de um ano, concluindo se que o ASS e um dos medicamentos mais vendidos tanto com determinação e ao mesmo ensejo sem a determinação medica.

Ao ser analisar às classes medicamentosas mais vendidas, foi verificado que os analgésicos são os medicamentos mais procurados, caracterizando 25% das amostras, seguida por 15% dos antigripais, 14% de anti-inflamatório e 13% de antibióticos, Gráfico 4.

Gráfico 4 - Classes medicamentos mais vendidos sem determinação.



Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

A aplicação e ingestão de medicamentos por conta própria é uma prática comum no Brasil. Estudos com diversos autores indicam que de cada três medicamentos comprados, dois são adquiridos sem determinação médica, configurando a automedicação, prática comum e preocupante, sobretudo num país onde o acesso aos serviços de Saúde Pública ainda é precário. Os achados deste trabalho mostrou que realmente ha uma venda grande de fármaco sem determinação, 1000 unidades sem receitas medicas, num total de 250 unidades ano, gráfico 3.

Um dos motivos que levam as pessoas usarem esses fármacos estão em maior evidencia a cefaleia com relação direta à jornada de trabalho, problemas hormonais entre outros relatos, contribuindo com esta afirmação, Luz et al (2003), diz em seus estudos que mulheres e indivíduos com maior carga horária de trabalho semanal constituem grupos mais vulneráveis, em termos de uso irracional.

Neste trabalho notou que cerca de 25% das vendas de todos medicamentos eram analgésicos comercializados, evidenciando o risco apresentado por este grupo amostral. Suplementar a estes dados foi quanto à relação uso de medicamento prescrito/ e compra sem determinação, onde o medicamento se destacou, o ASS com 130 caixas vendidas com prescrição em mãos, 100 caixas compradas sem prescrição.

O Gráfico 1 e 2 e a sua comparação no gráfico 3, o mais vendido foi o AAS, com 1050 comprimidos comercializados. É considerado o protótipo dos AINEs, derivado do ácido salicílico, muito utilizado no tratamento da gota, febre reumática, osteoartrite, artrite reumatoide, cefaleia, artralgia e mialgia, além de ser usado para inibir a agregação plaquetária Clark et al. (2013). Sabe se que, mesmo que seja medicamentos de venda livre, não estão isento de riscos, seu uso prolongado pode provocar o salicilismo, uma intoxicação crônica manifestada por zumbidos, confusão, surdez para tons altos, psicoses, estupor, delírios, coma e ventilação superficial consequência de edema pulmonar leve ou moderado, mais frequente em crianças e idosos Fuchs e Wannmachaer. (1998). As crianças são as mais suscetíveis a esta intoxicação, sendo que a ingestão de quantidades como 10g de ácido acetilsalicílico pode causar óbito Clark et al. (2013)

Vitor et al. (2008) destaca que a automedicação é praticada universalmente e está presente nas mais diferentes

sociedades e culturas inclusive por mais da metade da população brasileira. Loyola Filho et al. (2004), verificou que a influencia de pessoas próximas, a percepção de pouca gravidade do problema, a familiaridade e o fácil acesso a alguns medicamentos, bem como a disponibilidade e a percepção do atendimento médico recebido como de pouca qualidade, foram fatores determinantes da automedicação.

Lopes (2014); afirma que qualquer prática de automedicação sujeita os indivíduos a riscos, e percebe-se que os mesmos negligenciam a prática da automedicação na maioria das vezes abusando e tornando-a parte da rotina. Tal fato pode estar associado a falta de monitorização.

É visto que, a comercialização destes medicamentos são realizada em vários estabelecimentos, como por exemplo, nos supermercados ou mesmo a venda em pequenos estabelecimentos comerciais, postos de gasolina, tornando dessa forma a aquisição dos fármacos algo simples e de fácil acesso Araujo (2015).

É perceptível na sociedade, que muitas pessoas quando procuram aos serviços de saúde, por sintomas mais comuns como, gripe, febre, mialgias, cefaleia, diarreia, relatam já terem se automedicado, e muitas vezes com medicamentos que facilmente são armazenados em casa, referindo nomes como: Paracetamol, Ibuprofeno, Amoxicilina Silva (2006). Estes dados reforçam a cultura da automedicação no país.

Verificou-se ainda que, as classes farmacológicas mais envolvidas da automedicação são os analgésicos, antipiréticos e anti-inflamatórios, utilizados para tratamento de patologias consideradas mais simples, entre os mais envolvidos estão dipirona, AAS, paracetamol (Laporta et al., 2005); Silva; et al., (2012), corroborando com os achados deste trabalho onde à classe dos analgésicos teve maior prevalência de venda.

Nesta análise, os analgésicos e AINEs são sempre, via de regra, os mais desfrutados no hábito da automedicação.

Seguem-se as respectivas prevalências, para analgésicos e AINEs, encontrados por diversos autores: Arrais (1997) 17,3%; Pelicione (2002), 55,8%, Vicentini (2007) 39,8%, Ferraz et al (2008) 31,61%. Os anti-inflamatórios não esteroidais (AINEs) são uma classe de fármacos que possuem dois subgrupos: não seletivos ou inibidores da enzima COX-1 e/ou COX-2 como; Ibuprofeno, Diclofenaco, Naproxeno, Meloxicam e os seletivos para a enzima COX-2, Batlouni (2010).

No Brasil, logo em Poções-BA, o uso frequente e auto estimulado de analgésicos pode encontrar explicação no fato de que, esses fármacos, mesmo a maioria com venda restrita com prescrição, as farmácias não exigem as mesmas, contribuindo assim para automedicação.

4. Conclusão

Os fármacos mais vendidos com receitas médicas são AAS 1050 comprimidos, ficando em segundo lugar o diclofenaco 650 comprimidos, seguido do nimesulida 620, e o Piroxicam em quarto com 430 comprimidos vendidos.

Observou um consumo grande de AINEs sem prescrição 1200 comprimidos, e dentro desta classe um consumo maior de AAS 1000 comprimidos, seguidos de Nimesulida 990 comprimidos e Diclofenaco 640 comprimidos e em quanto o Ibuprofeno com 430 comprimidos, sendo o AAS e o ibuprofeno os únicos de venda autônoma.

Com os dados obtidos na farmácia do município em questão, foi possível verificar um consumo desta classe de fármacos sem receita (AINEs) e uma predileção por AINEs de menor custo, visto que também está relacionado com os diversos fatores que inviabilizam o atendimento com o médico prescrito.

Como não há um controle efetivo sobre a venda de AINEs, já que muitos deles são isentos de prescrição, torna-se prudente investir em campanhas de alerta sobre riscos e também sobre interações medicamentosas e automedicação com este grupo, a fim de evitar possível deterioração da saúde ou mesmo casos de intoxicação nos usuários. Também é importante

ênfatizar a necessidade de se discutir e estudar esse tema entre os profissionais e acadêmicos, principalmente da área de saúde.

Diante do exposto, o presente estudo justifica-se pelo fato de haver ainda uma lacuna no tema automedicação, com base em dados observacionais, como estes de prevalência, são úteis para retratar o fenômeno estudado e podem ajudar a propor medidas educativas acerca da prática de automedicação, sobretudo no contexto do domicílio, quando a população fica mais sujeitos aos problemas decorrentes do uso indevido dos medicamentos.

Estes achados contribuem para demonstrar a importância que analgésicos e AINEs representam comercialmente e para a saúde da população em geral, que acaba por banalizar seu uso, fazendo-o de modo corriqueiro, e de certa forma, automedicando mediante sintomatologia de dor.

Desta forma, conclui-se que através destes achados, é relevante demonstrar o perfil de prescrição médica do município e podem ser utilizados para orientar e propor estratégias futuras em relação ao uso devido destes fármacos. Além de servir como um alerta aos profissionais de saúde sobre a incoerência de algumas prescrições, sendo que tal fato pode influenciar diretamente no tratamento correto do paciente, ficando clara a importância de mais estudos relacionados à automedicação, mas não somente para quantificar dados, e sim fomentar a importância e os riscos advindos dessa prática.

Referências

- ANVISA. (2000). Resolução - RDC nº 4, de 13 de janeiro de 2000. Regulamento de Procedimentos para o Registro de Medicamentos à Base de Vitaminas e ou Minerais em Dosagens Consideradas Seguras à Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA)..
- Araújo, P. L. (2015). Risco de fragilização e uso de medicamentos em idosos residentes em uma localidade do sul de Santa Catarina, Brasil. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*. 15(1), 119–26.
- Arrais, P. S. D., Coelho, H. L. L., Batista, M. C. D. S., Carvalho, M. L., Righi, R. E., & Arnau, J. M. (1997). Perfil da automedicação no Brasil. *Rev. Saúde Pública*. 31(1):71-7. <http://www.scielo.org/pdf/rsp/v31n1/2212.pdf>.
- AMB. (2001). Editorial: Automedicação. *Rev. Assoc. Med. Bras*. 47(4).
- BatlounI, M. Anti-inflamatórios não esteroides: Efeitos cardiovasculares, cérebro-vasculares e renais. *Arq. Bras. Cardiol*. 94 (4).
- Clark, M., Finkel, R., Rey, J., & Whalen, K. (2013). *Farmacologia Ilustrada*. (5ª.ed.) Ed. Artmed.
- Ferraz, S. T., Grunewald, T., Rocha, F. R. S., Neto, J. A. C., & Sirimaco, M. T Comportamento de uma amostra da população urbana de Juiz de Fora – MG perante a automedicação. *HU Revista, Juiz de Fora*, 34(3), 185-190. . <http://www.aps.ufjf.br/index.php/hurevista/article/viewFile/144/152>.
- Fiocruz; Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas. Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde - Fiocruz, 2012
- Fuchs, F. Wannmacher, I. *Farmacologia Clínica*. Ed 2, 1998.
- Laporta, L., Marin, E., Escarrone, A., Bittencourt, C., & Friedrich, M. Avaliação da automedicação com Anti-inflamatórios não esteroides em farmácias comerciais de Santa Maria-RS. *Ciências da Saúde*. 6(1), 01-11, 2005.
- Lopes, W. F. L., et al; A prática da automedicação entre estudantes de uma instituição de ensino superior de Teresina – PI, *Revista Interdisciplinar*, 7(1), 17 – 24, 2014.
- Loyola Filho, A. I., Lima-Costa; M. F., & Uchoa, E. Bambuí Project: aqualitative approach to self-medication. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 20(6), 2004, https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/4991/tatiana_chama_borges_luz_ensp_mest_2003.pdf?sequence=2&isAllowed=y.
- Luz, T. C. B. - Fatores associados ao uso de antiinflamatórios não esteroidais em população de funcionários de uma universidade do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Epidemiologia*; 9 (3); 2003, https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/4991/tatiana_chama_borges_luz_ensp_mest_2003.pdf?sequence=2&isAllowed=y.
- Marin E., et al. Avaliação da automedicação com antiinflamatorios não-esteroides em farmácias comerciais de Santa Maria - RS. *Disciplinarum Scientia. Série: Ciências da Saúde*, Santa Maria, 6(1), 1-11, 2005.
- Menezes, E. A., et al. Automedicação com Antimicrobianos para o tratamento de Infecções Urinária em Estabelecimento Farmacêutico de Fortaleza (CE) . *Revista Infarma*, São Paulo-SP, 16(11-12), 56-59, 2004.
- Oliveira; A. L. M., & Pelógia; N. C. C. Cefaleia como principal causa de automedicação entre os profissionais da saúde não prescritores. *Rev. dor* 12 (2), Junho de 2011.
- Peixoto, M. M., et al. Avaliação da qualidade de comprimidos de Captopril dispensados em Feira de Santana-BA. *Infarma, São Paulo*, 16(13-14), 69-73, 2008.
- Pelicioni, A. F. Padrão de consumo de medicamentos em duas áreas da região metropolitana de São Paulo, 2001-2002 [Dissertação de Mestrado]. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo; 2005.

Rapkwicz, J. C. Riscos da automedicação sem a orientação do farmacêutico. *O FARMACÊUTICO em revista, edição nº 98 - 3º, 2012*, Conselho Regional de Farmácia do Estado do Paraná.

Silva F. A., et al. Estudos sobre automedicação no uso de anti-inflamatórios não esteróides na cidade de Valparaíso de Goiás. *Rev Saúde e Desenvolvimento*. 2016;9(5):143-53.

Silva, J. C. S., et al. A incidência do uso indiscriminado de medicamentos. *ReBIS [Internet]*. 2020; 2(1):95-99.

Silva, J. M., Mendonça, P. P., & Partata, A. K. Anti-inflamatórios não esteroides e suas propriedades gerais. *Revista científica do ITPAC, Araguaína*, 7(4).

Silva, M. G. C. D., Soares, M. C. F., & Muccillo-baisch, A. L. Self medication in university students from the city of Rio Grande, Brazil. *BMC publichealth*, 12(1), 339.

Silva, R. C. G., Automedicação em acadêmicos de medicina. *Medicina*, 45, 5-11, 2006.

Vicentini, G. E., Araújo, JR. J. C. Automedicação em adultos na cidade de Guairaça-PR. *Arq. Ciência Saúde*. 2007. <http://revistas.unipar.br/saude/article/viewFile/1518/1333>.

Vilarino, J. F., Soares, I. C., Silveira, C. M., Rödel, A. P. P., Bortoli, R., & Lemos, R. R. Perfil de Automedicação em município do sul do Brasil. *Rev Saude publica [periódico online]*. 1998; 32 (1): 43-9 –<https://www.scielo.br/j/rsp/a/WNSBDCj38mbXHBztZfzfbJP/?lang=pt>.

Vitor, R. S., et al. Padrão de consumo de medicamentos sem prescrição médica na cidade de Porto Alegre, RS. *Ciênc. Saúde Coletiva*, 13, 737-743, 2008. <https://www.scielo.br/j/csc/a/VcBmGRRMD7CCDNSPq89Q46J/?format=pdf>.

WHO – World Health Organization. The Anatomical Therapeutic Chemical Classification System with Defined Daily Doses (ATC/DDD). 2003. <<http://www.who.int/classifications/atcddd>>.